

OBSERVANDO AS MIGRAÇÕES E DESLOCAMENTOS NA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO/RS

Ana Cristina Rabuske¹
Grazielle Betina Brandt²
Rogério Leandro Lima da Silveira³

RESUMO

A presente pesquisa busca, através de uma análise secundária de dados censitários, expressos em informações estatísticas e espaciais, observar como ocorrem as migrações e os deslocamentos na região de abrangência do COREDE do Vale do Rio Pardo. A partir da coleta de dados secundários junto ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e ao sistema SIDRA (Sistema do IBGE de recuperação automática de dados agregados), referentes ao período censitário de 2010, foi possível analisar as dinâmicas das migrações e deslocamentos na região. A pesquisa, que integrou as atividades do eixo demográfico do banco de dados regional do Observatório do Desenvolvimento Regional (OBSERVADR), aponta que a população migrante no total de municípios do COREDE Vale do Rio Pardo é de 28,6%. Os resultados evidenciam uma intensificação dos fluxos de curtas distâncias nos municípios, visto que grande parte dos migrantes que chegam a região são provenientes da região Sul, ou seja, de municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). Em relação ao deslocamento, os movimentos pendulares realizados pela da população motivados por motivo de trabalho são superiores ao estudo.

Palavras-chave: Migrações. Deslocamentos. Dados Secundários. Corede Vale do Rio Pardo.

ABSTRACT

This research uses a secondary analysis of census data (spatial and statistical databases) with the aim of observing how migration and displacement occur in the region covered by the COREDE from Vale do Rio Pardo. Based on the collection of secondary data from the IBGE (The Brazilian Institute of Geography and Statistics) and SIDRA system (IBGE's Automatic Recovery System) for 2010 Census data collection period, it was possible to examine the dynamics of migration and displacement in the region. The research, which was part of the activities of the demographic axis of the regional database of the Regional Development Observatory (OBSERVADR), shows that the migrant populations in the municipalities of COREDE Vale do Rio Pardo is 28.6%. The results show an intensification of short distance flows in the cities, since most of the migrants in the region come from the South (municipalities of Rio Grande do Sul, Santa Catarina and Paraná). Regarding the nature of displacements, movement for work is superior to movement for study purposes.

Keywords: Migration. Displacement. Statistical Information. COREDE from Vale do Rio Pardo.

¹ Aluna do Curso de Engenharia Ambiental da Universidade de Santa Cruz do Sul.
<rabuske.anacristina@gmail.com>

² Professora do Departamento de Comunicação Social na Universidade de Santa Cruz do Sul.
<grazielle@unisc.br>

³ Professor do Departamento de História e Geografia na Universidade de Santa Cruz do Sul.
<rlls@unisc.br>

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo dar continuidade as ações de pesquisa e extensão do Observatório do Desenvolvimento Regional (OBSERVA-DR), projeto financiado pela FINEP, que se constitui na construção de uma rede interinstitucional de reflexão, pesquisa e contribuição teórico-metodológica sobre o tema do desenvolvimento regional. O OBSERVA-DR é sediado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), no Rio Grande do Sul, tendo como foco construir e manter uma rede de estudos com o intuito de contribuir para a produção e a difusão de conhecimento e informações sobre os processos e as políticas públicas de desenvolvimento regional no Brasil. Atualmente, integram essa rede 23 Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e áreas afins.

Dentro deste contexto, inicialmente apresentaremos algumas reflexões teóricas acerca dos conceitos de migrações e deslocamentos, utilizando como referências as contribuições teóricas de Barcellos (1995), Martine (1987 e 1989), Carvalho (1989) IBGE (1988 e 2010), Hasenbalg (1991), Menezes (1992), Thompson (1978) Teixeira, Braga, Baeninger (2012) e Oliveira (2011).

Em seguida, apresentaremos a metodologia utilizada nesse levantamento de dados secundários referentes a um novo eixo temático do Banco de Dados Regional do Vale do Rio Pardo, com ênfase em migrações e deslocamentos populacionais nos 23 municípios da referida região. Estes dados permitiram analisar e incluir o fenômeno da mobilidade enquanto elemento de debate sobre o desenvolvimento regional, visto que as migrações e os deslocamentos revelam a dinâmica dos territórios e as possíveis desigualdades socioespaciais existentes. Sendo assim, o estudo foi realizado a partir de leituras e coleta de dados secundários junto ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ao SIDRA (Sistema do IBGE de Recuperação de Dados Agregados) para o período censitário de 2010.

2 MIGRAÇÕES E DESLOCAMENTOS: PERSPECTIVA HISTÓRICA E APLICADA

2.1 MIGRAÇÕES

As migrações constituem um campo de estudo amplamente explorado, especialmente na demografia, onde são trabalhados conceitos correntes na área e metodologias para a quantificação do fenômeno. O estudo sobre as migrações tem relevância igualmente na Sociologia, onde as análises tem dedicado atenção aos determinantes estruturais das migrações e, em alguma medida, aos fatores relacionados com a situação específica de

segmentos sociais migrantes, inclusive aqueles componentes ligados à questão cultural (BARCELLOS, 1995).

Fenômeno destacado na realidade brasileira, as migrações e os deslocamentos são elementos imprescindíveis para a compreensão do processo de urbanização e de suas perspectivas, bem como dos contornos assumidos recentemente pela problemática urbana (BARCELLOS, 1995). Neste sentido os diferentes ciclos econômicos no Brasil fomentaram o desenvolvimento de eixos territoriais que se consolidaram como áreas urbanizadas no país ao longo das décadas, marcados por uma intensa atratividade populacional.

A partir de 1930, com a crise da economia cafeeira e com a industrialização que se dinamizava, o país assistiu a um movimento populacional de dupla direção: de um lado, a população expulsa do campo dirigiu-se para o interior dos estados, especialmente para o oeste de São Paulo e, posteriormente, para o norte e o oeste do Paraná e de Santa Catarina; de outro lado, houve um deslocamento massivo de população para as cidades, especialmente para o eixo Rio-São Paulo (MARTINE, CARVALHO, 1989).

Nos anos 50, o novo patamar da industrialização veio acentuar essa tendência que se encaminharia na direção de uma configuração altamente concentrada na Região Sudeste, característica essa que marca a urbanização brasileira ainda no período mais recente (BARCELLOS, 1995).

No entanto, foi a partir dos anos 60, com a introdução de mudanças significativas na produção agrícola, que o fenômeno da migração rural-urbana e de concentração populacional nas grandes cidades passaria a receber uma atenção especial na área dos estudos migratórios (MARTINE, 1987).

As novas condições, permitidas pelo desenvolvimento tecnológico em termos dos avanços nos meios de comunicação e pela implantação de infraestrutura no território nacional, bem como o decorrente incremento da circulação de informações, conduziram o país a um outro patamar de "fluidez do espaço", trazendo possibilidades extremamente ampliadas de mobilidade das populações (IBGE, 1988). Ao mesmo tempo, as profundas mudanças nos aspectos técnicos da produção industrial e agrícola introduziam alternativas locais para as atividades produtivas industriais fora das concentrações metropolitanas. Da mesma forma, novas relações eram estabelecidas entre a produção agrícola e a industrial, colocando grandes desafios aos estudiosos das migrações no Brasil, já que implicam o surgimento de uma maior complexidade regional no quadro de manifestações do fenômeno (BARCELLOS, 1995).

Até 1970, a intensidade do crescimento urbano e do esvaziamento de áreas rurais, associada à definição de políticas de migrações internas e a ênfase desse campo de estudos no

âmbito do planejamento — que criou, inclusive, o Programa de Pesquisas sobre Migrações Internas —, ensejou a produção de pesquisas sobre o tema, especialmente por órgãos governamentais (HASENBALG, 1991).

Já na década de 80, houve um subaproveitamento das informações geradas pelo Censo de 1980. A crise experimentada pela economia brasileira nessa década é, em parte, responsável por esse refluxo. De um lado, houve um decréscimo nas taxas de crescimento populacional, em especial daquelas relativas à população urbana; de outro, o próprio Estado teve seus recursos reduzidos e passou a priorizar outras questões no seu planejamento (HASENBALG, 1991).

Dois aspectos centrais estão presentes na citação abaixo: primeiro, as transformações dos processos migratórios e segundo, a necessidade da construção de outros procedimentos metodológicos para a compreensão dos fluxos migratórios contemporâneos. Fausto Brito, em artigo mais recente, publicado em 2009, também enfatiza a necessidade de formulação de outros instrumentais teóricos:

O padrão migratório prevalecente até a década de setenta do século passado, no Brasil, começou a sofrer profundas modificações. Consequentemente, o paradigma e as teorias examinadas anteriormente neste ensaio, se já não são plenamente satisfatórias para explicar as migrações entre 1950-1980 estão a exigir uma profunda revisão [...]. (BRITO 2009, p. 14)

Neste sentido, as noções de origem e destino, ainda que importantes para as classificações das migrações apresentam limitações para compreender os tipos de migrantes que se deslocam permanentemente, como é o caso dos trabalhadores migrantes safristas, dos migrantes devido a grandes projetos ou obras da construção civil. Além destas mobilizações, encontramos ainda outras trajetórias migratórias individuais ou de famílias marcadas por deslocamentos diversos, como é o caso dos brasiguaios; dos migrantes que se dirigiram para a fronteira agrícola do Paraná, Mato Grosso e Rondônia nas décadas de 1960 a 1980 (MENEZES, 1992).

Nessa perspectiva, dois aspectos podem ser destacados: primeiro, a ideia de fixação, pois embora o migrante tenha uma vida marcada pela permanente mobilidade, há sempre uma localidade que representa a referência de fixação. São lugares de memória e de pertencimento, visto que simbolizam as redes de relações familiares, de amizade e de vizinhança. Em outras palavras, o migrante constitui-se nas tensões e ambiguidades de várias categorias e diversos espaços sociais. Nesse sentido, não se trata de verificar as opções por ficar ou sair, por uma condição de trabalho ou outra, por um lugar ou outro, mas de compreender como os indivíduos tratam subjetivamente essas possibilidades objetivas de trabalho e vida. A condição de mobilidade não expressa, portanto, desenraizamento, desagregação familiar, mas

uma permanente recomposição e ressignificação de suas redes de relações sociais (TEIXEIRA, BRAGA, BAENINGER, 2012).

2.2 DESLOCAMENTO DIÁRIO

Conforme o Censo IBGE 2010, as pesquisas sobre deslocamento diário das pessoas de suas residências para os respectivos locais de estudo ou de trabalho constituem informação fundamental para as atividades de planejamento em níveis local e regional, pois fornecem um indicador seguro sobre a integração funcional entre localidades.

Os deslocamentos pendulares são um movimento diário de pessoas que residem em um município e trabalham ou estudam em outro, deslocando-se diariamente. Esses deslocamentos ampliam-se e tornam-se mais complexos a cada dia, devido ao surgimento e à consolidação de novos polos secundários de atração populacional. A incorporação de novas áreas residenciais, a busca por emprego ou serviços e ainda a oferta de transportes mais eficientes em alguns pontos das metrópoles são alguns dos elementos que favorecem a consolidação desse fenômeno.

Essas migrações diárias ou pendulares não se caracterizam, contudo, como verdadeiras migrações (no sentido clássico do termo), pois não são realizadas com o intuito de uma mudança definitiva. Já a migração permanente ocorre quando há o deslocamento de pessoas que dura vários anos ou um tempo indeterminado.

O conhecimento da intensidade desses fluxos, além de facilitar a racionalização dos sistemas de transporte, permite melhorar a qualidade de vida das populações pela redução dos custos de transporte, do tempo gasto nos deslocamentos e da diminuição dos níveis de poluição, entre outros (OLIVEIRA 2011).

A utilização do deslocamento como uma das medidas de integração funcional entre áreas permite agregar numa única área, residências, locais de trabalho e de estudo, como acontece desde a década de 1940, na definição da extensão das áreas metropolitanas e das grandes manchas urbanas. A integração entre as diferentes localidades que compõem uma área metropolitana se faz através de diversos tipos de fluxos, como os de bens, comunicações, pessoas ou de serviços, que apontam o nível de coesão funcional entre essas áreas.

Entretanto, pesquisar esses fluxos não é tarefa trivial e a necessidade de um indicador que sintetizasse essas relações de forma consistente fez com que as informações sobre deslocamento fossem levantadas pelos institutos de estatísticas em diferentes países.

No Brasil, em resposta à necessidade evidenciada quanto à definição das Regiões Metropolitanas em 1969, o Censo Demográfico de 1970 marcou o início da investigação da

questão de deslocamento com a opção “município onde trabalha ou estuda”. Apesar de não estar presente nos volumes de resultados, essa informação foi objeto de tabulações especiais realizadas por solicitação tanto de áreas do IBGE quanto de outras instituições sendo então utilizada na delimitação das aglomerações urbanas. No Censo Demográfico de 1980, foi também observado para o conjunto da população investigada, o “município em que trabalha ou estuda” para as pessoas de 10 anos ou mais de idade. Os seus resultados oficiais não apresentaram tabulações para o tema. No Censo Demográfico de 1991, a pergunta não foi incluída no questionário. Essa ausência foi sentida nas análises, por isso sua inclusão foi solicitada no censo seguinte.

Dessa forma, no Censo Demográfico de 2000, incentivado pela comunidade de usuários e por demandas na área da Geografia em particular, foi reintroduzida a investigação do deslocamento para estudo ou trabalho, com a indagação “Em que município e Unidade da Federação ou país estrangeiro você trabalha ou estuda?”. Nessa ocasião, a pergunta referiu-se a todos os moradores do domicílio, não tendo sido estabelecido qualquer filtro.

Para o Censo Demográfico de 2010, a investigação sobre deslocamento para estudo e/ou trabalho foi mantida, após passar por uma revisão metodológica que levou em consideração as demandas dos usuários dos dados dos Censos Demográficos e que implicou algumas alterações no formato da investigação do tema. Nesse sentido, optou-se por desmembrar a indagação para deslocamento, separando a pergunta sobre deslocamento para estudo da pergunta sobre deslocamento para trabalho.

A investigação sobre o deslocamento para o trabalho se deu com a indagação “Em que município e Unidade da Federação ou país estrangeiro você trabalha?”, sendo essa destinada somente aos moradores do domicílio com 10 anos ou mais de idade, ocupados na semana de referência, seguida da pergunta “Retorna para casa diariamente?”, com o objetivo de identificar as pessoas que efetivamente realizam deslocamento diário de casa para o trabalho.

Deve-se ressaltar que, como já foi indicado na publicação do Censo Demográfico 2010: resultados gerais da amostra (IBGE, 2010), a investigação do tema deslocamento no Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2010), ao propiciar informações em separado sobre deslocamento para estudo e trabalho, representa um significativo avanço em relação ao Censo Demográfico 2000 (IBGE, 2000), quando a pesquisa foi realizada agregando essas informações. Entretanto, para apresentar a evolução do fenômeno no período 2000/2010, é necessário agregar as informações para estudo e trabalho coletadas em separado. Deve-se dar

especial atenção para o período censitário de 2010, para que não se tenha dupla contagem dos informantes de 2010.

Na escala intermunicipal, tais informações são indispensáveis para planejar a melhoria da qualidade de vida de habitantes das grandes cidades brasileiras que, ao se deslocarem diariamente entre municípios, desperdiçam tempo e energia impactando, de forma interligada, a saúde pública e o meio ambiente urbano.

A informação sobre este tipo de movimento é, portanto, fundamental para identificar as diversas funções desempenhadas pelas cidades, seja na concentração de atividades geradoras de trabalho, seja na oferta de serviços de educação, ou mesmo de serviços de transporte (OLIVEIRA 2011).

Já o deslocamento para país estrangeiro envolve questões estratégicas nas áreas fronteiriças, principalmente no que diz respeito à necessidade de um planejamento interestatal visando ao incentivo de atividades e funções complementares dos dois lados da fronteira, o que se faz premente em um país como o Brasil, que convive com uma região fronteira de escala continental.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi desenvolvido em diferentes etapas. Procuramos, através de uma análise secundária de dados censitários, observar as migrações e deslocamentos na região do Vale do Rio Pardo (RS). Num primeiro momento, buscamos aprofundar as informações sobre o tema com leituras e bibliografias específicas sobre migrações e deslocamentos.

Após esta primeira etapa, iniciamos a coleta de dados secundários junto ao IBGE e ao SIDRA, onde foram selecionadas informações estatísticas e espaciais relacionadas a migrações e deslocamentos populacionais em relação aos 23 municípios que compõem a região do Vale do Rio Pardo. Conforme iniciaram as consultas junto à base de dados do IBGE e SIDRA, houve alguns desafios em relação à proposta inicial da pesquisa, que buscava confrontar os dados do Censo do IBGE de 2000 e 2010 em relação às migrações e deslocamentos. Porém, de um censo para o outro ocorreram mudanças na forma e nas questões presentes no formulário aplicado à população, dificultando assim a comparação sistemática dos dados coletados. Por este motivo, optamos por privilegiar as informações do último censo demográfico realizado em 2010.

Em relação à migração, as informações censitárias levam em conta os diferentes movimentos migratórios da população, tendo como base informações sobre o local de nascimento, o tempo de moradia na residência atual e o local de moradia anterior. A partir

destas informações é possível identificar, para o conjunto de municípios da região do Vale do Rio Pardo, se o indivíduo é migrante ou não e a sua condição de naturalidade.

No que diz respeito aos deslocamentos, percebe-se este na medida em que as pessoas se deslocam do município onde residem para trabalhar ou estudar. O censo contou esses casos somente a partir de 2010, o que permitiu pesquisar, de maneira separada, quem se deslocava para trabalho e para estudo.

O aumento dos fluxos de curta distância no Brasil, sobretudo intrarregionais, revelam a importância de informações censitárias para unidades geográficas cada vez menores dadas a frequência relativa à mobilidade e circularidade migratória. Sendo assim, as informações censitárias apresentam alguns dados referentes aos eixos migração e deslocamentos para os 23 municípios do Vale do Rio Pardo.

Após as coletas dos dados secundários, chegamos a alguns resultados relevantes e importantes para a compreensão e o entendimento dos fluxos migratórios e do deslocamento diário da população da região do Vale do Rio Pardo.

Em relação à migração da população residente nos municípios da região no Censo de 2010, foram obtidos os resultados organizados na tabela abaixo:

Tabela 1: População residente no município por lugar de nascimento – Censo Demográfico 2010

Municípios	Região Centro-Oeste		Região Nordeste		Região Norte		Região Sudeste		Região Sul		Brasil sem especificação		População Total
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	
Arroio do Tigre	16	0.126	5	0.039	0	0.000	0	0.000	2772	21.920	0	0.000	12648
Boqueirão do Leão	22	0.287	0	0.000	0	0.000	0	0.000	2048	26.691	31	0.404	7673
Candelária	0	0.000	0	0.000	7	0.023	16	0.053	6992	23.174	0	0.000	30171
Encruzilhada do Sul	11	0.045	10	0.041	0	0.000	20	0.081	5330	21.725	87	0.355	24534
Estrela Velha.	0	0.000	0	0.000	0	0.000	0	0.000	914	25.193	11	0.303	3628
General Câmara	6	0.071	24	0.284	0	0.000	48	0.568	2923	34.604	27	0.320	8447
Herveiras	0	0.000	0	0.000	0	0.000	0	0.000	683	23.121	0	0.000	2954
Ibarama	4	0.092	0	0.000	0	0.000	0	0.000	649	14.850	0	0.000	4371
Lagoa Bonita do Sul	0	0.000	0	0.000	5	0.188	0	0.000	944	35.462	0	0.000	2662
Mato Leitão	0	0.000	0	0.000	0	0.000	0	0.000	1504	38.913	4	0.104	3865
Pantão Grande	0	0.000	0	0.000	0	0.000	27	0.273	3667	37.059	14	0.141	9895
Passa Sete	0	0.000	0	0.000	0	0.000	0	0.000	1743	33.818	0	0.000	5154
Passo do Sobrado	6	0.100	0	0.000	0	0.000	12	0.200	1922	31.975	1	0.017	6011
Rio Pardo.	0	0.000	0	0.000	0	0.000	73	0.195	7684	20.441	64	0.170	37591
Santa Cruz do Sul	85	0.072	275	0.232	67	0.057	453	0.383	37517	31.694	178	0.150	118374
Segredo	3	0.042	10	0.140	0	0.000	10	0.140	1822	25.454	0	0.000	7158
Sinimbu	0	0.000	0	0.000	0	0.000	0	0.000	2094	20.799	0	0.000	10068
Sobradinho	14	0.098	6	0.042	0	0.000	11	0.077	3323	23.265	30	0.210	14283
Tunas	0	0.000	0	0.000	0	0.000	0	0.000	656	14.926	1	0.023	4395
Vale do Sol	0	0.000	4	0.036	9	0.081	19	0.172	2928	26.433	0	0.000	11077
Vale Verde	0	0.000	5	0.154	0	0.000	4	0.123	1064	32.718	8	0.246	3252
Venâncio Aires	64	0.097	97	0.147	11	0.017	213	0.323	18166	27.547	193	0.293	65946
Vera Cruz	30	0.125	10	0.042	9	0.037	15	0.062	9860	41.112	35	0.146	23983
<hr/>													
	Migrantes	%	Migrantes	%	Migrantes	%	Migrantes	%	Migrantes	%	Migrantes	%	População Total
Total	261	0.062	446	0.107	108	0.026	921	0.220	117205	28.030	684	0.155	418140
<hr/>													
População não migrante	71.4												
	%												
População migrante	28.6												
	%												

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Em 2010, observou-se que a Região Sul (municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) destaca-se como sendo a principal região de origem de grande parte dos

migrantes. Vera Cruz é o município que se sobressai com o maior número de migrantes provenientes de municípios do Rio Grande do Sul e Estados vizinhos, representando 41, 11% da população. Já Ibarama possui a menor taxa de migrantes provenientes da Região Sul, com 14,85%. Para o total de municípios da região do Vale do Rio Pardo, percebe-se que 71,4% da população residente é não migrante, contrastando com 28,6% de população migrante, excluindo-se, neste caso, o percentual de população estrangeira.

Já em relação à presença de migrantes provenientes de outras Unidades da Federação, percebe-se que após a Região Sul, a Região Sudeste, seguida pela Região Nordeste são as que mais atraem migrantes para os municípios da região do Vale do Rio Pardo representando, respectivamente, no total de municípios da região, 921 migrantes provenientes da Região Sudeste e 446 migrantes provenientes da Região Nordeste. A grande região que menos atrai migrantes para o Vale do Rio Pardo é a Região Norte.

Tabela 2: Pessoas que residiam há menos de 10 anos ininterruptos na Unidade da Federação, por lugar de residência anterior – Censo Demográfico 2010

Município	Lugar de residência anterior			
	Total	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul
Arroio do Tigre - RS	134	18	38	64
Boqueirão do Leão - RS	104	6	6	81
Candelária - RS	284	54	41	115
Encruzilhada do Sul - RS	378	-	43	288
Estrela Velha - RS	29	7	-	23
General Câmara - RS	178	5	5	97
Herveiras - RS	34	-	10	25
Ibarama - RS	60	-	-	43
Lagoa Bonita do Sul - RS	19	-	-	6
Mato Leitão - RS	195	24	19	146
Pantano Grande - RS	109	-	12	81
Passa Sete - RS	54	-	4	50
Passo do Sobrado - RS	80	23	17	28
Rio Pardo - RS	258	22	22	186
Santa Cruz do Sul - RS	2976	258	495	775
Segredo - RS	42	3	3	12
Sinimbu - RS	126	18	28	49
Sobradinho - RS	281	24	44	164
Tunas- RS	19	2	12	5
Vale Verde- RS	19	2	-	7
Vale do Sol - RS	100	-	21	46
Venâncio Aires - RS	1143	149	160	450
Vera Cruz - RS	261	11	95	98

Fonte: Censo Demográfico 2010, IBGE.

Ao perceber, na Tabela 1 a prevalência de migrantes provenientes da Região Sul do Brasil, buscou-se informações sobre o lugar de residência anterior destes migrantes, tendo

como ponto de referência os três estados que compõem a Região Sul do Brasil. Os dados da Tabela 2 revelam os municípios que apresentam maior presença de migrantes, como Santa Cruz do Sul (2.976 pessoas), Venâncio Aires (1.143 pessoas), Encruzilhada (378 pessoas), Candelária (284 pessoas), Vera Cruz (261 pessoas) e Rio Pardo (258 pessoas). Estes são, em sua maioria, provenientes do Rio Grande do Sul, seguidos pelos estados de Santa Catarina e Paraná. Os dados revelam, sobretudo, a intensificação do fenômeno migratório de curta distância, sendo grande parte dos migrantes provenientes do próprio estado, intensificando o processo de migração intrarregional.

Já em relação à presença de migrantes provenientes de outras Unidades da Federação, percebe-se que após a Região Sul, a Região Sudeste seguida pela Região Nordeste são as que mais atraem migrantes para os municípios do Vale do Rio Pardo. Assim, estes migrantes representam para o conjunto de municípios do Vale do Rio Pardo, um total de 921 migrantes provenientes da Região Sudeste e de 446 migrantes provenientes da Região Nordeste. A região que menos atrai migrantes para o Vale do Rio Pardo é a região Norte.

A Tabela 3 abaixo retrata os migrantes estrangeiros moradores nos municípios do Vale do Rio Pardo.

Tabela 3: População por nacionalidade – Censo 2010

Município	População residente por nacionalidade	População residente por nacionalidade - Brasileiros Natos	População residente por nacionalidade - Estrangeiros	População residente por nacionalidade - Naturalizados Brasileiros
Arroio do Tigre	12648	12648	0	0
Boqueirão do Leão	7673	7662	11	0
Candelária	30171	30171	0	0
Encruzilhada do Sul	24534	24523	0	11
Estrela Velha	3628	3628	0	0
General Câmara	8447	8447	0	0
Herveiras	2954	2954	0	0
Ibarama	4371	4367	0	4
Lagoa Bonita do Sul	2662	2662	0	0
Mato Leitão	3865	3865	0	0
Pantão Grande	9895	9889	0	6
Passa Sete	5154	5140	7	7
Passo do Sobrado	6011	6008	0	3
Rio Pardo	37591	37559	22	10
Santa Cruz do Sul	118374	118095	249	30
Segredo	7158	7158	0	0
Sinimbu	10068	10068	0	0
Sobradinho	14283	14259	19	6
Tunas	4395	4395	0	0
Vale do Sol	11077	11077	0	0
Vale Verde	3253	3250	3	0
Venâncio Aires	65946	65886	38	22
Vera Cruz	23983	23972	11	0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Em relação à nacionalidade dos residentes nos municípios do Vale do Rio Pardo, percebe-se que grande parte da população é constituída por brasileiros natos. Entre os

municípios que mais se destacam pela presença de estrangeiros encontram-se as cidades de Santa Cruz do Sul, com a presença de 249 estrangeiros, seguida por Venâncio Aires, com 38 estrangeiros. Percebe-se ainda a presença de estrangeiros nos municípios de Rio Pardo (22 estrangeiros), Sobradinho (19 estrangeiros), Boqueirão do Leão (11 estrangeiros), Vera Cruz (11 estrangeiros) e Passa Sete (7 estrangeiros). Os demais municípios da região do Vale do Rio Pardo não registraram presença de estrangeiros no período censitário observado. No entanto, cabe salientar que os números absolutos não revelam a magnitude do fenômeno, sendo necessário efetuar uma ponderação que considere a população total de cada município.

Tabela 4: Deslocamento para o trabalho – Censo Demográfico 2010

Município	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência que exerciam o trabalho principal no município de residência	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência que exerciam o trabalho principal em outro município	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência que exerciam o trabalho principal em mais de um município ou país	População residente por lugar de nascimento
Arroio do Tigre	8576	188	52	12648
Boqueirão do Leão	4874	22	105	7673
Candelária	16324	1171	106	30171
Encruzilhada do Sul	11227	470	59	24534
Estrela Velha	1997	75	7	3628
General Câmara	3242	435	9	8447
Herveiras	1680	17	2	2954
Ibarama	2746	38	0	4371
Lagoa Bonita do Sul	1961	27	0	2662
Mato Leitão	1961	401	11	3865
Pantão Grande	3565	285	79	9895
Passa Sete	3143	80	34	5154
Passo do Sobrado	3698	239	73	6011
Rio Pardo	13275	2856	190	37591
Santa Cruz do Sul	62396	2038	692	118374
Segredo	4102	79	15	7158
Sinimbu	5843	456	19	10068
Sobradinho	7320	571	142	14283
Tunas	2638	48	3	4395
Vale do Sol	6380	336	4	11077
Vale Verde	1616	43	6	3253
Venâncio Aires	36827	2179	209	65946
Vera Cruz	10321	2992	173	23983

Fonte: Censo Demográfico 2010, IBGE.

No que tange aos deslocamentos relacionados ao trabalho, percebe-se que os municípios de Vera Cruz e Rio Pardo, seguido pelos municípios de Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul, são aqueles que apresentam o maior número de residentes que se deslocam por motivo de trabalho. O município de Vera Cruz destaca-se com 2.992 residentes, cujo trabalho principal está situado em outro município. Em Rio Pardo, 2.856 residentes trabalham em

outro município. Já para o município de Venâncio Aires, observa-se 2.179 pessoas que se deslocam em função do trabalho e, para Santa Cruz do Sul, há a presença de 2.038 de pessoas que se deslocam para outro município pelo mesmo motivo.

Tabela 5: Deslocamento para estudo – Censo Demográfico 2010

Total de pessoas residentes em domicílios particulares que estudam e total que se deslocam para outro município para estudo - Censo Demográfico 2010		
Município	Local da escola ou creche que frequentavam	
	Total	Outro município
Arroio do Tigre - RS	2934	261
Boqueirão do Leão - RS	2013	319
Candelária - RS	6302	731
Encruzilhada do Sul - RS	6591	725
Estrela Velha - RS	879	79
General Câmara - RS	2144	279
Herveiras - RS	703	59
Ibarama - RS	977	58
Lagoa Bonita do Sul - RS	568	68
Mato Leitão - RS	918	190
Pantano Grande - RS	2462	232
Passa Sete - RS	1254	108
Passo do Sobrado - RS	1264	211
Rio Pardo - RS	8989	1137
Santa Cruz do Sul - RS	33065	1070
Segredo - RS	1590	183
Sinimbu - RS	2096	360
Sobradinho - RS	3781	378
Tunas- RS	1057	111
Vale Verde- RS	684	49
Vale do Sol - RS	2276	292
Venâncio Aires - RS	16128	2045
Vera Cruz - RS	6142	971

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

No que tange aos deslocamentos para fins de estudo, destacam-se os municípios de Venâncio Aires, com 2.045 pessoas que se deslocam diariamente, Rio Pardo com 1.137 pessoas e Santa Cruz do Sul com 1070 pessoas, seguidos por Vera Cruz, com 971 residentes que realizam deslocamento diário para estudo e Candelária com 731 pessoas que se deslocam igualmente pelo mesmo motivo. Os municípios de Vale Verde, com 49 pessoas, Ibarama, 58 pessoas e Herveiras, com 59 pessoas são os municípios que apresentam o menor número de residentes que realizam deslocamento diário para estudo. No entanto, cabe ressaltar que a população total que estuda é menor se comparada aos demais municípios da região.

Para o ensino fundamental e médio o maior número de residentes que se deslocam está nas cidades de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, seguidos por Rio Pardo. Entre os residentes que se deslocam para curso superior de graduação destaca-se Venâncio Aires, Vera

Cruz, Rio Pardo, Candelária, Encruzilhada do Sul e Santa Cruz do Sul. Para especialização de nível superior (mestrado e doutorado) sobressaem-se os municípios de Santa Cruz do Sul, Vera Cruz e Venâncio Aires, seguidos por Encruzilhada do Sul e Rio Pardo.

Tabela 6: Tempo habitual do deslocamento do domicílio para o trabalho principal – Censo Demográfico

Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, que, no trabalho principal, trabalhavam fora do domicílio e retornavam diariamente do trabalho para o domicílio, por tempo de deslocamento do domicílio para o trabalho principal - Censo Demográfico 2010						
Tempo habitual de deslocamento do domicílio para o trabalho principal						
Município	Total	Até cinco minutos	De seis minutos até meia hora	Mais de meia hora até uma hora	Mais de uma hora até duas horas	Mais de duas horas
Arroio do Tigre - RS	3131	787	2080	233	31	-
Boqueirão do Leão - RS	1345	368	900	49	28	-
Candelária - RS	12835	4393	7236	895	273	38
Encruzilhada do Sul - RS	6091	1272	3501	764	459	95
Estrela Velha - RS	1853	924	815	109	5	-
General Câmara - RS	2250	414	1280	392	109	55
Herveiras - RS	1018	419	568	29	2	-
Ibarama - RS	1133	455	649	26	3	-
Lagoa Bonita do Sul - RS	1153	357	747	42	7	-
Mato Leitão - RS	1443	377	948	108	9	2
Pantano Grande - RS	2643	626	1607	313	75	21
Passa Sete - RS	2853	1123	1607	104	20	-
Passo do Sobrado - RS	1522	422	919	154	24	4
Rio Pardo - RS	10315	1665	5535	2560	496	59
Santa Cruz do Sul - RS	46975	6671	34536	5060	491	216
Segredo - RS	2696	1315	1186	169	19	7
Sinimbu - RS	2904	736	1749	334	71	13
Sobradinho - RS	4998	1392	3329	164	72	41
Tunas- RS	1110	318	654	97	41	-
Vale Verde- RS	591	116	426	34	15	-
Vale do Sol - RS	4720	1498	2941	256	19	7
Venâncio Aires - RS	23697	4604	15656	2886	480	71
Vera Cruz - RS	8661	1042	5975	1458	170	16

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Do número total de pessoas que se deslocam do domicílio para o trabalho principal, sendo que este pode estar localizado no município de residência ou em outro município, observa-se que a maioria da população que se desloca leva de seis minutos até meia hora para chegar do domicílio ao trabalho principal, com destaque para Santa Cruz do Sul (34.536 pessoas), Venâncio Aires (15.656 pessoas), Candelária (7.236 pessoas), Vera Cruz (5.975 pessoas) e Rio Pardo (5.535 pessoas). Entre uma e duas horas de deslocamento diário do domicílio para o trabalho principal, figuram os municípios de Rio Pardo (496 pessoas), Santa

Cruz do Sul (491 pessoas), Venâncio Aires (480 pessoas) e Encruzilhada do Sul (459 pessoas).

4 CONCLUSÃO

Os dados gerais coletados evidenciam uma tendência para fluxos de curtas distâncias nos municípios do Vale do Rio Pardo, sendo que grande parte dos migrantes são provenientes da Região Sul (incluindo municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). A população atual migrante no total de municípios do Vale do Rio Pardo é de 28,6%, sendo que o número de migrantes estrangeiros na região concentra-se especialmente na cidade de Santa Cruz do Sul.

Sobre os deslocamentos, observa-se que para o estudo, os municípios de Venâncio Aires, Santa Cruz do Sul e Rio Pardo destacam-se pelos movimentos diários. Para os deslocamentos relacionados a trabalho, percebe-se que os municípios de Vera Cruz e Rio Pardo, seguido pelos municípios de Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul, são aqueles que apresentam o maior número de residentes que realiza deslocamentos diários.

Os movimentos pendulares da população motivados por trabalho são superiores ao estudo, tendo inclusive como base empírica de observação os dados da população total que se desloca nos municípios do Vale do Rio Pardo.

Com esse estudo, buscamos melhor compreender os movimentos migratórios da população migrante que se desloca nos municípios do Vale do Rio Pardo. Os dados revelam, de maneira descritiva, que o movimento de pessoas está principalmente estruturado no eixo urbano que contempla as cidades de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Vera Cruz, Rio Pardo e Candelária, corroborando para a predominância na região do Vale do Rio Pardo para o fenômeno das migrações de curta distância e intrarregionais. Os dados secundários não nos permitiram, neste momento, extrair informações adjacentes. Por este motivo, sugere-se uma maior compreensão analítica sobre o eixo migrações e deslocamentos a partir de análises qualitativas. Estes dados, para além de identificar as direções dos movimentos das pessoas, serão capazes de evidenciar as dinâmicas territoriais a eles associadas.

REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, T. M. Migrações internas: os conceitos básicos frente à realidade da última década. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, n. 1, v. 16, p. 296-309, 1995. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaio/article/view/1755/2123>. Acesso em: 15 dez. 2014.
- BRITO, F. As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009.
- DORNELAS, S.M. Migração de retorno: o que é isso? *Travessia – Revista do Migrante*. São Paulo: CEM, ano VIII, n. 22, maio-ago. 1995.
- HASENBALG, C. *A pesquisa sobre migrações, urbanização, relações raciais e pobreza no Brasil: 1970-1990*. Rio de Janeiro: UPERJ/Sociedade Brasileira de Instrução, 1991. (Série Estudos, 82).
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Censo Demográfico 2000: Características da População e dos Domicílios: Resultados do universo*. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>. Acesso em: 22 jun. 2014.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Censo Demográfico 2010. Educação e Deslocamento – Resultados da Amostra*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2010.
- IBGE CIDADES. *Censo Demográfico de 2010. (informações sobre todos os municípios do Brasil num mesmo lugar)*. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php?lang>. Acesso em: 22 jun. 2014.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. Rio de Janeiro: 2014. (Estudos e análises: Informação demográfica e socioeconômica, v. 1). Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes_deslocamentos/default_reflexoes.shtm. Acesso em: 29 jun. 2014.
- JARDIM, M. de L.; BARCELLOS, T. M. Os movimentos populacionais no Rio Grande do Sul: uma visão inter e intra-regional através dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento Econômico (Coredes). *Ensaio FEE*, Porto Alegre, n. especial, v. 26, p. 143-170, 2005.
- MARTINE, G. *Migrações internas no Brasil: tendências e perspectivas*, Brasília: IPEA, 18 p., 1997.
- MARTINE, G.; CARVALHO, J. A. M. de. *Cenários demográficos para o século XXI e algumas implicações sociais. Planejamento e Políticas Públicas*. Brasília: IPEA, n. 2, p. 61-91, 1989.
- MARTINE, G. *Populações errantes e mobilidade da reserva de mão-de-obra no Brasil*. Comunicação simpósio sobre crescimento demográfico na base da pirâmide social. Campinas, São Paulo: SBPC, 1982.
- MENEZES, M. A. *Histórias de migrantes*. São Paulo: Loyola, 1992.

MENEZES, M. A. Migrações e mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos. In: TEIXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. da C.; BAENINGER, R. (Orgs.). *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

OLIVEIRA, L. A. P. de; OLIVEIRA, A. T. R. de. (Orgs.). *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. São Paulo: Brasiliense, 1978.